



CORPOS MARCADOS, VOZES AUSENTES: DADOS DE PESQUISAS EM EDUCAÇÃO SOBRE CORPOS TRANS NO BRASIL

Joanna Leoniⁱ
Mestranda em Artes Visuais – PPGAV/UDESC

RESUMO

Este estudo examina os desafios enfrentados pelas comunidades travesti e trans na educação brasileira, destacando a falta de dados, políticas e narrativas inclusivas. A pesquisa revela a urgência de reconhecimento e visibilidade para esses grupos, cujos corpos e vozes são frequentemente silenciados e marginalizados. A ausência de estatísticas oficiais e pesquisas produzidas por seus próprios sujeitos evidencia a necessidade de políticas educacionais efetivas, abrangendo acesso, permanência e respeito nas instituições de ensino. O estudo conclui que é fundamental agir imediatamente para garantir uma educação verdadeiramente inclusiva e emancipadora para travestis e trans no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE

Educação. Travesti. Pesquisa em Educação.

1. Mapeando Ausências

Se alguém quisesse fazer uma leitura de nossa pátria, dessa pátria pela qual juramos morrer em cada hino cantado nos pátios da escola, essa pátria que levou vidas de jovens em suas guerras, essa pátria que enterrou gente em campos de concentração, se alguém quisesse fazer um registro exato dessa merda, deveria, então, ver o corpo da Tia Encarna. Somos isso como país também, o dano sem trégua contra o corpo das travestis. A marca deixada em determinados corpos, de maneira injusta, casual e evitável, essa marca de ódio. (VILLADA, 2021, p. 26)

Quando iniciei na docência, no dia 17 de fevereiro de 2022, muitas dúvidas, medos e temores pairavam sobre mim. Mais uma vez seria pioneira, mais uma vez seria a única. A primeira e única professora Trans/Travesti da Rede Municipal de Educação de Brusque. No início, o fato foi considerado de grande vitória e alegria pelos que acompanhavam meu processo e meu caminhar, mas assim como para a cisgeneridade, em nossa comunidade, muitas das vezes também estamos isoladas e esquecidas. Somos poucas reunidas. Possuímos diferentes recortes e diferentes demandas. Aqui, destaco onde meus pés estão plantados: Travesti, branca, do sul do país, da universidade.



Não há dados ou estatísticas oficiais que pontuem a população Trans/Travestis nas Universidades ou Escolas, não há dados sobre a populações Trans/Travesti no Brasil, pois nossos corpos não importam. Em 2022, com o questionário do censo demográfico, a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) solicitou, sem sucesso, ao IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas a inclusão de perguntas relacionadas a identidade de gênero “A ideia era investigar, no conjunto da população brasileira, quantas pessoas se identificam como cisgênero, transgênero ou travestis.” (CISCATI, 2022), com uma medida importante para a construção de políticas públicas para esta população.

Em 2018, a Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES), por meio de uma Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das Instituições Federais de Ensino, demonstrou que apenas 0,1% dos estudantes de ensino superior de Universidade Federal do Brasil são autodeclaradas Transexuais.

Gráfico 2-4: Graduandos (as) por gênero, segundo faixa etária (em %) – 2018

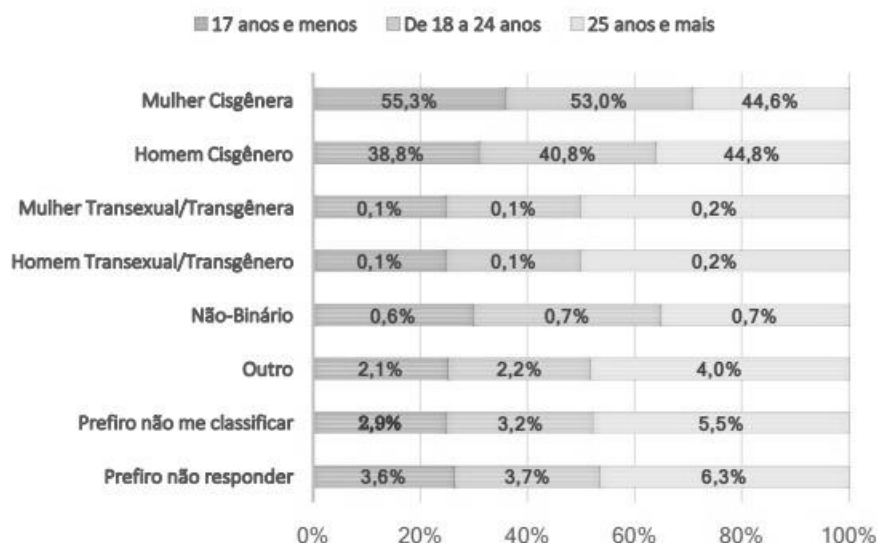


Imagem 1. – Gráfico de Graduandos (as) por gênero, segunda faixa etária (em %), elaborada pela ANDIFES - 2018, Digital. Fonte: V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES – 2018. Brasília, 2018.

Qual a porcentagem desta população concluiu o ensino superior? Quais políticas de acesso e permanência tem sido aplicada em escolas e universidades pensadas na população Trans e Travesti? Questionamentos que cercam minha existência, bem como não são respondidos. Estes corpos continuam no silêncio e na escuridão violenta empregues pela cisgeneridade como forma de controle, em discursos reforçados em espaços de poder ao qual nossos corpos pouco têm acesso.



Para Carvalho (2021), ser um Corpo Travesti limita nossos espaços, nos tira o direito de estar e existir. Percebo isto desde o momento de minha contratação. “Este é o corpo de uma TRAVESTI” (CARVALHO, 2021, p. 10). Um corpo que chega antes de mim, que carrega estereótipos que não são meus, que carrega medos alheios. Que poderes ou domínios a cisgeneridade acredita possuir de nossos corpos para tais constrangimentos? Um poder de silenciar, desaparecer com nossos corpos, nos velar ainda vivas (CARVALHO, 2021).

O que motiva esta investigação, para além do cunho pessoal, é a averiguação do baixo número de escritos acerca da temática. Ao utilizar a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) buscarmos por “Escola e Travesti” encontramos, nos últimos dez anos, 140 pesquisas, mas entre elas, apenas 17 abordam vivências de Travestis e Transsexuais estudantes e duas na relação de professora, enquanto o restante aborda outras vivências atreladas à identidade Travesti, como empregabilidade e saúde, além de uma pesquisa em fotografia.

Ao verificar “Professora e Travesti”, de 47 resultados, apenas 4 abordam a temática que se relaciona com o objeto desta pesquisa, sendo as demais atreladas a escritos de vivências da prostituição, representação em mídias digitais e uma que utiliza o termo “travestismo literário” sem nenhuma relação com a discussão de identidade de gênero. Grande parte dos resultados são sempre assinados por nomes ditos masculinos. Neste sentido, questionamos se não há presença de corpos Travestis na produção de seus próprios saberes, ou, por questões diversas, estavam em corpos que não poderiam assinar com o nome que as representassem de fato, ou ainda, se são exclusivamente corpos cisgênero. Não nos prendendo aqui em uma classificação binária de gênero por meio de um prenome.

Nos trabalhos encontrados que abordam a relação de alunas Travestis e a escola utilizam de relatos de experiências em estratégias de sobrevivência, o acolhimento neste contexto, considerando aspectos que favorecem e desfavorecem sua permanência, bem como a luta pelo uso de nome social e banheiro e outros modos de transfobia que cerceiam nossas existências e implicam na permanência escolar. Quando o corpo Travesti é abordado na vivência de Professora, o trabalho de Sara Wagner York (2020) é construído por este corpo, enquanto as outras encontradas, produzidas por corpos cisgêneros que investigam os nossos, sendo elas, de Torres (2012) e Modesto (2018).

Torres (2012) discute a entrada e permanência de corpos de Travestis e Transsexuais no âmbito escolar, enquanto professoras, a partir de uma perspectiva de direitos conquistados pela população LGBTQIAP+, como demandas de direito e de reconhecimento e a persistência da heteronormatividade na escola em um projeto que reúne relatos de experiências de sete Travestis e Transsexuais. Modesto (2018) também parte de um relato de experiência, neste caso, de Leona, professora Transsexual de Congonhas/MG. Os desafios relatados são próximos: o estigma do corpo relacionado à prostituição, a negação de direitos como uso de nome social e banheiro, violências físicas e/ou psicológicas e o despreparo de professores/as e demais profissionais da educação. Novamente aqui verificamos a história de nossos



corpos contadas por outros que não os nossos, o que nos tenciona a pensar de que forma estas práticas também nos são violentas, sem que tenhamos, muitas vezes, a possibilidade do modo de produção científica.

Ainda, a única produção encontrada assinada por um corpo autodeclarado Travesti é o de York (2020), que discute o acesso e permanência de corpos Trans e Travestis em programas de pós-graduação *strictu sensu* em instituições públicas de Ensino Superior através das chamadas cotas trans/travestis. Foi utilizado um questionário, aplicado a dois grupos, além da inserção de suas próprias experiências para compreender a relação do campo educacional com o corpo Travesti. Os resultados apontam mais uma vez a violação de direitos básicos, aqui educacionais como o ensino e a pesquisa, que estão além da política de cotas.

Há muito, vem-se pesquisando e catalogando o corpo Transexual e Travesti na academia. Seja na criação de novas terminologias médicas-psiquiátricas ou patológicas, por meio de relatos de nossas lutas e conquistas por direitos básicos, contos de vivências em locais preparados a nos receber, como a prostituição ou mesmo quando ultrapassamos esta barreira: a educação, mas ainda verificada pela não presença e produção destes corpos, mas daqueles que também nos violentam e excluem, nos tornando muitas vezes objeto de pesquisa, de estudo e de prazer da cisgeneridade.

Para Odara (2020), é evidente que estes dispositivos de violência recaem nas práticas educativas, excluindo corpos dos estudantes que fogem a norma, corpos dissidentes, que em sua maioria não compreendem o processo violento ao qual estão sendo submetidos. Hoje, para a educação básica ao qual atuo, não existem corpos Trans e Travestis, não existem corpos dissidentes, não existem corpos não binários. Pois aquilo que não se fala, deixa de existir (CARVALHO, 2021).

Quando Agrippina R. Manhattan (2017) afirma "Mas não há mais tempo de espera: as travestis chegaram para mostrar que, na verdade, aqui sempre estiveram" encapsula a urgência e a necessidade de reconhecimento e visibilidade para a população travesti e trans na pesquisa e na educação. Este trabalho revela não apenas a falta de dados e estatísticas sobre essas comunidades nas escolas e universidades, mas também a ausência de narrativas produzidas por seus próprios sujeitos. A violência e exclusão que permeiam esses espaços educacionais não podem mais ser ignoradas ou silenciadas. É preciso agir agora, reconhecendo e valorizando a presença e as vozes das travestis e trans, garantindo políticas efetivas de acesso, permanência e respeito em todos os níveis de ensino.



Referências

CARVALHO, Renata (org.). **Prólogo**. São Paulo: Monstra, 2021.

CARVALHO, Renata. **Manifesto Transpofágico**. São Paulo: Monstra, 2021

MANHATTAN, Agrippina R.. PORQUE NÃO HOUE GRANDES ARTISTAS TRAVESTIS? **Revista Desvio**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 94-98, nov. 2017.

MODESTO, Rubens G. **Sobre Coragem e Resistência**: contando a história de Leona, professora e mulher trans. 2018. 172 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós Graduação em Educação, Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2018.

ODARA, Tiffany. **Travestilizando a Educação**. Salvador: Devires, 2020

TORRES, Marco A. **A emergência de professoras travestis e transexuais na escola**: heteronormatividade e direitos nas figurações sociais contemporâneas. 2012. 363 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

VILLADA, Camila S. **O Parque das Irmãs Magníficas**. São Paulo, Planeta, 2021.

YORK, Sara W. **TIA, VOCÊ É HOMEM? Trans da/na educação**: Des(a)fiando e ocupando os "sistemas" de Pós-Graduação. 2020. 185 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

ⁱ Mestranda em artes visuais no Programa associado de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Licenciada em Artes Visuais pela Universidade Regional de Blumenau (FURB). Estudante. Universidade do Estado de Santa Catarina Campus CEART. Av. Madre Benvenuta, 1907, Itacorubi, 88035-901, Florianópolis, SC. E-mail: joleoni.artista@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1478-9201>. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/8588149704474652>. Florianópolis, Brasil.